

Demora no acordo é obstáculo à entrada de investimentos

06 NOV 1990

A demora em conseguir um acordo para a dívida externa está retardando o fluxo de investimentos em direção ao Brasil, alerta o ex-presidente do Banco Central, Paulo Lyra. "O País tem um grande ponto de interrogação: a questão interna e externa. É um fantasma à frente", diz Paulo Lyra, numa referência à lentidão da negociação internacional e ao ligeiro avanço inflacionário.

Às vésperas da contraproposta dos bancos ao projeto de renegociação do Brasil, surge a questão: quanto custa adiar um acordo? Após a reunião FMI-Banco Mundial, em Washington, ficou claro o roteiro brasileiro: 1) um sinal inequívoco de entendimento com os bancos é necessário para um acerto com o Fundo; 2) este acerto permitirá renegociar a dívida com o Clube de Paris; e 3) só depois será possível habilitar-se a receber créditos oficiais japoneses, em especial do Fundo Nakasone.

Sem iniciar o roteiro, o Brasil não pode habilitar-se a um empréstimo **stand-by** de US\$ 2 bilhões do FMI, continuará com escassos créditos para importar máquinas e equipamentos e não ganha o direito de chegar aos fundos japoneses.

Mais problemas

No curto prazo, o Brasil foi ficando sem créditos externos para o comércio - hoje reduzidos a US\$ 3 ou US\$ 4 bilhões, e tem somente US\$ 4 bilhões no interbancário, ou seja, o dinheiro que as agências de bancos brasileiros no Exterior (em especial Banco do Brasil, Banespa e Real) tomam para financiar seus empréstimos ao País. Na última renegociação da dívida, havia o compromisso dos bancos internacionais de assegurar linhas comerciais e interbancárias de US\$ 15 bilhões, mas quase a metade já desapareceu, à

medida que o Brasil foi atrasando o pagamento dos juros.

Para evitar uma situação difícil para as agências externas, o Banco Central prometeu depositar uma parte das reservas cambiais nessas agências. Mas aí surge um novo problema: depositar recursos no BIS (Banco de Compensações Internacionais, com sede na Suíça) é o mesmo que depositar numa sucursal que enfrenta dificuldades? "Evidentemente, não", responde um executivo financeiro com experiência internacional.



Arquivo/AE

Lyra: lentidão
na negociação só
prejudica o País.

As diferenças entre o Brasil e os bancos representam uma delicada partida de pôquer, em que cada lado usa todas as artimanhas para descobrir as cartas do adversário. "Fazer um acordo rápido agora interessa mais aos bancos do que ao Brasil. A capacidade de retaliação dos bancos diminuiu", opina Alkimar Moura, ex-diretor do BC e professor da FGV-SP.

As linhas comerciais dão lucro alto aos bancos, diz Moura. E quanto aos problemas com as agências externas, o Banco Central tem capacidade de manobra. Moura rejeita a hipótese de que exista uma relação direta entre os investimentos e a dívida. Ou seja, nem isso seria tão afetado pela demora.

Paulo Lyra tem outra opinião: "O País só vai ter um fluxo de capital de risco quando ocorrer a renegociação. É importante vencer esse capítulo. Isto está nos perturbando desde 83."